

## **Maldade, imoralidade e monstrosidade na fisionomia do mal: um olhar sobre a imprensa no caso Lázaro Barbosa<sup>1</sup>**

Maria Cecília Garcia Leal<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília – UnB

### **Resumo**

Notícias são mais que um simples relato de um acontecimento, são o resultado de uma construção social (Hall, 2016). Ao mesmo tempo em que são formadas, apresentam ao mundo uma realidade igualmente construída. Este artigo apresenta a formação da “fisionomia do mal” em portais noticiosos brasileiros, retratada por meio da cobertura do caso Lázaro Barbosa, ocorrido em 2021. O episódio que norteia este ensaio, visto pela perspectiva dos critérios de noticiabilidade, mostra que as narrativas dos jornais ao retratar a fuga do assassino que conseguiu driblar, sozinho, 270 agentes do Estado, durante 20 dias, envolveu a criação de um personagem mau, imoral e monstruoso.

**Palavra-chave:** Lázaro Barbosa; valores-notícia; critérios de noticiabilidade; sensacionalismo

### **Introdução**

Lázaro Barbosa de Souza era natural de Barra do Mendes (BA), filho mais velho de Eva Maria de Souza Magalhães e Edinaldo Barbosa Magalhães. Foi casado duas vezes e teve dois filhos, um menino de quatro anos de idade e uma menina de dois. Lázaro tinha ensino fundamental incompleto, abandonou os estudos na sétima série. Aos 18 anos, em 2008, cometeu seu primeiro crime: um duplo homicídio no povoado baiano de Melancias. Mas, para este artigo, interessa apenas a história iniciada em meados de 2021.

Para manter-se um convívio social, espera-se que o ser humano domine seus monstros interiores. Mas Lázaro Barbosa fracassou nessa tarefa. Na madrugada de 9 de junho de 2021, a fera que vivia em seu subconsciente apoderou-se dos corpos de quatro pessoas de uma família, moradores de uma pacata área rural<sup>3</sup>. Como instrumentos para reclamar o poder sobre essas vidas, uma pistola e uma faca. O motivo era simples: a família era um entrave momentâneo à reconquista da liberdade das mãos repressivas da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação no programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: ceciliagleal@gmail.com

<sup>3</sup> As vítimas Cláudio Vidal de Oliveira e seus filhos Gustavo, de 21 anos de idade, e Carlos Eduardo Marques Vidal, de 15 anos, foram assassinados a facadas e a tiros na fazenda da família, localizada na região do Incra 9, em Ceilândia (DF). A esposa de Cláudio e mãe dos jovens, Cleonice Marques de Andrade, foi encontrada sem vida três dias depois,

cadeia. Durante 23 dias, na imprensa, o mal teve um rosto. Tratava-se de uma quimera, meio homem, meio animal que, como tal, só teria um destino possível: a morte.

O homônimo de Lázaro Barbosa, Lázaro de Betânia, tem sua história contada no evangelho de João, capítulo 11, versículos 1 a 46. Neste trecho da Bíblia, Jesus o ressuscita após quatro dias de seu sepultamento. Diferentemente do personagem no qual seu nome foi inspirado, o Lázaro baiano teve sua vida narrada em mais de mil notícias, publicadas em aproximadamente 70 veículos de comunicação.

Entre os vinte dias que separaram o quádruplo homicídio de sua morte, a intensa cobertura da imprensa, local e nacional, alimentou o imaginário brasileiro sobre o caso, que tomou proporções épicas. É sobre os contornos dessa cobertura, e sua relação com os valores-notícia morte, crime e negatividade, que este ensaio se alicerça. Passando pelos conceitos de imaginário, maldade, moralidade e monstrosidade, analisa-se a construção do personagem midiático Lázaro Barbosa.

## **O imaginário**

Segundo Edgar Morin (1990), o imaginário provê fisionomia para os desejos e os temores humanos, “liberta não apenas nossos sonhos de realização e felicidade, mas também nossos monstros interiores, que violam os tabus e a lei, trazem a destruição, a loucura ou o horror” (idem, p. 80). O imaginário delimita o real, e como seu oposto, é sua condição de existência (Leal, 2011). Trata-se de uma relação interdependente, em que o imaginário não nega totalmente o real, mas o transfigura e o desloca, “criando novas relações no aparente real” (Laplatine e Trindade, 2003, p. 8-9). O imaginário, portanto, tem a capacidade de modificar a realidade e, quando o faz, desafia a ordem social.

É no campo do imaginário em que os seres fantásticos, as sereias, as fadas, os vampiros e lobisomens têm sua morada. No mundo real, são metáforas, recursos discursivos usados para ensinar. Na literatura renascentista, por exemplo, os pecados capitais cometidos no mundo real eram retratados nas histórias como sinais de monstrosidades (Jeha, 2007). Deformidades físicas eram representativas de deformidades morais. Assim, o mal é identificado à primeira vista e a alcunha de monstro é reservada para os traidores da civilidade, da moral e dos bons costumes (Jeha, 2007).

Fora do mundo fantástico, o mal não se apresenta de forma tão explícita. Não há chifres ou risadas malignas para identificá-lo, seu rosto pode ser o de qualquer um. Antes do desfecho do caso Lázaro, é possível notar sua imagem sendo transfigurada em uma personificação do mal, provocada não apenas pelo conjunto dos crimes bárbaros que cometeu. A cobertura da imprensa participou ativamente da dimensão que o crime ganhou no imaginário popular.

Morin (2002) aponta que no domínio dos *fait divers*<sup>4</sup> a vida normal é interrompida pelas bizarrices do comportamento humano. Este universo “tem em comum com o imaginário (o sonho, o romance, o filme) o desejo de enfrentar a ordem das coisas, violar os tabus, levar ao limite a lógica das paixões” (Morin, 2002, p. 80). Assim, estes fatos são os instintos romantizados que, na maioria dos homens, permanecem reprimidos, são “a encarnação de seus crimes imaginários, de suas violências sonhadas” (Musil, 1930, p. 445 *apud* Morin, 2002, p. 115).

Os *fait divers* estão no DNA da imprensa sensacionalista que, por sua vez, tem no escândalo, no sexo e no sangue sua via de ação. “É na exploração das perversões, fantasias, na descarga de recalques e instintos sádicos que o sensacionalismo se instala e mexe com as pessoas” (Angrimani, 1995, p. 17). Nesse tipo de jornalismo, as notícias servem para informar, desinformar e inflamar. Espera-se do leitor o compartilhamento desta descarga emocional e apelativa. Dentro desse cenário, personagens como Lázaro são retratados de modo a servir de válvula de escape para o imaginário sádico da sociedade que segue as regras sociais.

### A maldade e a moralidade

[...] desprovido de qualquer ética moral. Fica claro que Lázaro trata a vida humana como simples objeto utilitário. Usa a vítima para alcançar um objetivo determinado ou satisfazer um desejo. Depois descarta, muitas vezes, de forma fatal. Estupra e mata para se alimentar do pânico que isso provoca na vítima (Carone, 2021)<sup>5</sup>

“Se filósofos e teólogos falham ao tentar representar o mal, então, escritores talvez sejam capazes de tornar o indizível visível” (Jeha, 2007). Extrapolando a tese proposta por Jeha, no trabalho em que os filósofos e teólogos falham e em que

<sup>4</sup> Abrasileirando, os fatos diversos são uma rubrica jornalística que permite aos veículos noticiar de pequenos escândalos e tempestades a crimes terríveis e naufrágios. É o local em que as notícias sem categoria clara encontram morada nas páginas dos jornais (Angrimani, 1995).

<sup>5</sup> Trecho do perfil traçado pela psiquiatra forense e professora da Escola Superior da Polícia Civil (ESPC) do Distrito Federal Conceição Krause, durante entrevista concedida ao portal *Metrópoles*.

escritores por vezes patinam, a imprensa se sobressai. Isso porque “onde há morte, há jornalistas” (Traquina, 2008) e no seu campo de trabalho se materializam as metáforas mais comuns para definir o mal: o crime, o pecado e a monstruosidade. O mal na esfera da legalidade é a transgressão das leis civis; na religião, é a violação das leis divinas; no âmbito estético, é a encarnação da amoralidade; na imprensa, é uma amálgama das três.

Nas páginas de jornais, pessoas como Lázaro têm nome, sobrenome, currículo, família, religião, histórico de crimes. O homem foco da cobertura jornalística em análise foi definido como satanista, praticante de bruxaria e possuído por espíritos<sup>6</sup>. Ao mesmo tempo que atentava contra a ordem social, debochava do Poder Público e ameaçava a quem pudesse, prometendo não sucumbir sozinho. Garantia que iria “levar o tanto de gente que puder”<sup>7</sup>.

## A monstruosidade

A presença do psicopata foi notada pelos cachorros da propriedade, que alertaram sobre o estranho no terreno. A mulher estava deitada no quarto quando se levantou para checar o motivo da inquietação dos cães. Lázaro apareceu na janela, empunhando uma arma e ordenando que ela abrisse a porta. (...) Enquanto estuprava a vítima, Lázaro chegou a abaixar a máscara. O psicopata passava a arma pelos seios, rosto e partes íntimas da vítima (Carone, et al, 2021)<sup>8</sup>

Partindo para a última temática da tríade proposta como formação da fisionomia do mal, o foco recai na monstruosidade. Para isso, é preciso entender, primeiramente, onde os monstros vivem.

O fantástico é uma invasão repentina ao mundo que se conhece por meio dos sentidos (Todorov, 1980). Dentro desse mundo, não existem diabos, vampiros ou zumbis. O que ocorre pode ser explicado pelas leis (físicas ou legais). Contudo, quando há a usurpação dos campos, ou seja, quando um acontecimento é tão absurdo que não

---

<sup>6</sup> PINHEIRO, Mirelle. Evidências apontam que Lázaro tem ligação com bruxaria e fez rituais. Metrôpoles [Distrito Federal], 15 jun. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/evidencias-apontam-que-lazaro-tem-ligacao-com-bruxaria-e-fez-rituais>

<sup>7</sup> CARDIM, Nathália; GUIMARÃES, Luísa. Caseiro sobre Lázaro Barbosa: “Não ficou marca de sangue na cama”. Metrôpoles [Distrito Federal], 15 jun. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/caseiro-sobre-lazaro-barbosa-nao-ficou-marca-de-sangue-na-cama>

<sup>8</sup> CARONE, Carlos. et. al. Mulher foi estuprada por Lázaro no dia do aniversário dela: “Passou arma nos meus seios”. Metrôpoles [Distrito Federal], 23 jun. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/mulher-foi-estuprada-por-lazaro-no-dia-do-aniversario-dela-passou-arma-nos-meus-seios>

sabemos como explicar, estamos diante do fantástico e há uma escolha a se fazer para tentar entender o que está acontecendo:

[...] ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos (Todorov, 1980, p.15)

Na literatura, o fantástico é um dos gêneros do imaginário. Em seu âmbito tem-se a morada dos monstros, das metáforas do mal (Todorov, 1980). Estes são os inimigos da humanidade, por isso, mais do que a possibilidade de uma existência real, os monstros são emblemas. “E essas simbolizações podem ser interpretadas como uma materialização fantástica do processo histórico da alienação do homem” (Nazário, 1998, 286).

No imaginário universal, existem alguns tipos de monstros. Há os monstros antropomorfos, os zoomorfos, os polimorfos, os microscópios e os imaginados, que são coisas, miasmas, entidades... (Nazário, 1998). Já na realidade da vida cotidiana, os monstros são classificados por seu comportamento. Se por um lado a criatura de Frankenstein é facilmente identificada por suas características físicas como um monstro antropomorfo, por outro, o monstro moral Jack, o estripador, até hoje é um enigma. Sua identidade é imprecisa, mas a monstrosidade de seus atos é amplamente conhecida.

Já no contexto da imprensa sensacionalista, a construção da monstrosidade se dá pelo trabalho do imaginário bestial junto à audiência, de modo a satisfazer as necessidades instintivas e sádicas deste público (Marcondes Filho, 1986). “Inconciliável com as normas da razão humana, o ser anormal aparece na crônica (de *fait divers*) como um ser fronteiro que marca os limites do mundo conhecido e que parece guardar as portas do inferno” (Monestier, 1982 *apud* Angrimani, 1995, p. 28).

Em Foucault (2001), o monstro moral aproxima-se de personagens como Lázaro, que residem no contexto cotidiano, mais próximos à realidade. Estando no domínio da anomalia humana, é composto por três figuras: o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora. Para este ensaio, o foco está nos dois primeiros tipos.

O monstro-humano é uma noção jurídica-biológica. Ele não apenas contradiz a lei – da sociedade e da natureza – é também a infração, “e a infração levada a seu ponto máximo. [...] ao mesmo tempo que viola a lei, ele a deixa sem voz” (Foucault, 2001,

---

p.70). Ao se colocar em posição acima da lei, o monstro deixa claro que as regras podem ser violadas. Ele trabalha na subjugação do direito à vontade bestial do homem.

A segunda figura foucaultiana é o indivíduo a ser corrigido que, paradoxalmente, é incorrigível. Apesar disso, sempre há tentativas de intervenções corretivas ao longo de sua vida, vindas da família, da escola, da comunidade, da igreja e da polícia. Assim, o monstro é uma exceção, enquanto o indivíduo a ser corrigido é um fenômeno recorrente (Foucault, 2001). Partindo das ideias do filósofo, entende-se que Lázaro é uma representação das duas instâncias da anomalia humana. Por ser incorrigível, se tornou um monstro.

O homem abandonou a escola na sétima série e teve uma suspensão em seu histórico escolar<sup>9</sup>. Na primeira intervenção corretiva, vinda da escola, tentou completar os estudos junto ao programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA), política pública governamental. Mas, como indivíduo incorrigível, abandonou sua jornada pedagógica. Dois anos depois, houve nova tentativa de correção pela educação, novamente frustrada. No mesmo ano, Lázaro cometeu seu primeiro crime e foi preso, iniciava-se naquele momento a tentativa de correção pela polícia, em local que deveria fazer sua reabilitação social. Novamente a intervenção fracassa. O ciclo de tentativas repete-se várias vezes, até culminar no quádruplo homicídio da família Vidal e na sequência de crimes praticados durante os 20 dias de sua fuga.

Enquanto monstro-humano, Lázaro se encaixa num aspecto da monstruosidade surgida em meados do século XVIII. Nesta acepção, os monstros são criaturas contrárias à natureza, o que implica trazerem em si indícios de criminalidade. A partir do século XIX, esse aspecto passou a ser interpretado como uma relação interdependente. Todo criminoso poderia ser um monstro e todo monstro teria grandes chances de ser um criminoso. Aqui, pela primeira vez, há uma relação direta entre “ser monstro” e “ser criminoso” (Foucault, 2001).

### **A negatividade e o imaginário sobre o mal**

---

<sup>9</sup> ZANELLI, Nara. Caso Lázaro: Maníaco do DF abandonou escola na 7ª série e registra suspensão em histórico. Bahia Notícias [Geral], 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/259816-caso-lazaro-maniaco-do-df-abandonou-escola-na-7a-serie-e-registra-suspensao-em-historico?t=1725028898060>

---

O valor-notícia negatividade assume diversas roupagens. Em Traquina (2008), este parâmetro engloba três critérios: a morte, o conflito e a infração. A morte, por si só, explica a negatividade presente nos jornais. O conflito, entendido como violência física ou simbólica, representa uma ruptura na ordem social e, dentro dela, estão a infração, as transgressões e as violações de regras.

As notícias negativas influenciam a noticiabilidade porque são mais inesperadas que as positivas, tanto no sentido de frequência de ocorrência quanto no de previsibilidade (Galtung e Ruge, 2016). Soma-se a isso a ideia de que más notícias tendem a ser mais valorizadas do que as boas, porque o perigo cria mais suspense (Roshco, 1975). Assim, eventos ameaçadores têm mais probabilidade de atrair a atenção do público do que as notícias sobre acontecimentos positivos (*idem*).

Conhecendo as particularidades dos movimentos de exagero midiático, é possível entender porque as notícias que envolvem eventos negativos, como crimes ou violência, tornam-se facilmente alvos de tempestades midiáticas<sup>10</sup>. Esse tipo de história tem todos os elementos para torná-la noticiável: há fácil acesso dos repórteres às fontes e informações; a ocorrência tem começo, meio e fim; e sua narrativa é permeada pelo valor-notícia referente ao interesse humano (Lowry, Nio e Leitner, 2003).

Essa facilidade de acesso e produção faz dos eventos de violência aleatória um alvo de notícias de cobertura intensa, provocando preocupação e medo no público. Isso ocorre por mecanismos de metonímia, em que um incidente isolado se transmuta em um problema social amplo e profundo (Rosa, 2018). Esse tipo de cobertura aumenta a níveis injustificados o medo do crime entre a audiência, sendo muitas vezes desproporcional ao perigo real representado (Gordon e Health, 2016).

Tal situação ocorre porque a maioria das pessoas não têm experiência direta com os crimes violentos graves que mais temem, e assim o papel dos meios de comunicação social na geração desse medo torna-se particularmente importante (Gordon e Health, 2016). Em momentos em que a realidade é construída com base nos medos, a narrativa midiática pode apelar para as dúvidas mais profundas da sociedade, por meio do constante reforço do enquadramento (Rosa, 2018, p. 193).

---

<sup>10</sup> *Media storms* (traduzido livremente por tempestades na mídia) são eventos em que ocorrem um aumento repentino – e em grande escala – da atenção em torno de um evento, que passa a dominar os noticiários durante dias ou semanas (Hardy, 2018).



---

A violência representa uma violação básica do indivíduo; o maior crime pessoal é o “assassinato”, ultrapassado apenas pelo assassinato de um agente que zela pelo cumprimento da lei, o policial (Hall, 2016). A violência é também o supremo crime contra a propriedade e contra o Estado. Representa, assim, uma ruptura fundamental na ordem social. O uso da violência marca a distinção entre aqueles que são essencialmente da sociedade e aqueles que estão fora dela (Hall, *et al.*, 2016, p. 315).

### **O fim do mal**

“O quadro é de um facínora, de um assassino perigosíssimo, que age com requintes de crueldade.” “É algo que mostra que é, realmente, uma pessoa totalmente desequilibrada.” “Ele é capaz de praticar as maiores barbáries.” As frases de autoria de um governador de estado<sup>11</sup> sobre Lázaro estamparam jornais e portais noticiosos em 2021 . Outra frase, atribuída a um dos policiais que participaram da perseguição ao fugitivo – e que foi condecorado por esse mesmo governador com a Medalha da Ordem do Mérito Tiradentes – também teve destaque na imprensa: “Atiro sem dó” .

A morte não é algo tido como incerto, mas "certo sob condição" (Tarde, 2018, p. 165 *apud* Ferreira e Malafaia, 2020). Diante de cenários em que “o mal está prestes a vencer”, a aniquilação é o único desfecho possível para os lázaros, para aqueles que encarnam o mal, para o amoral e para o monstruoso. Essas temáticas que vivem no campo das ideias, quando personificadas, pedem por um fim tão grandioso quanto os atos praticados, de modo a reequilibrar o ecossistema social. Por isso, a punição pedida pela sociedade traída pelos interesses individuais do homem-besta-fera é o abate, não só como processo de matança, mas como espetáculo midiático (Ferreira e Malafaia, 2020). Para Lázaro, este era o único caminho possível, e assim o foi.

Em 28 de junho de 2021, ele foi abatido em uma troca de tiros contra o Estado. Foi a vitória do bem contra o mal, digna de cinemas. Na cena, registrada por diversos celulares e pela imprensa, ficava claro que o adversário não teria uma chance de redenção – além dos policiais bem equipados, havia um militar que portava um fuzil. A personificação do mal descarregou duas armas contra os policiais. O Poder Público



“atirou sem dó”<sup>11</sup> 125 vezes. Destes, 39 tiros de pistolas 9mm acertaram Lázaro, que sucumbiu.

Enquanto o criminoso praticava rituais satânicos ou bruxaria, os policiais, nas figuras de heróis da sociedade, faziam orações. Enfim, as preces dos “bons” foram atendidas:

Dai-nos a graça, Senhor, de capturá-lo, de acabar com o sofrimento dessa sociedade. Que nós possamos trazer, Senhor, a paz de volta. Que a paz possa reinar, Senhor. Protege cada policial militar, cada policial, Senhor, com Tua mão protetora. Que o mal não se aproxime de nós, Senhor. Que o mal não venha, Senhor, nos vencer. Que o mal sucumba, Senhor, diante de nós.<sup>12</sup>

Mau, amoral e monstruoso. Jagunço, serial killer, matador de aluguel, psicopata, maniaco, criminoso, assassino, satanista, homem que deixa um rastro de violência, estuprador, bruxo, mateiro, facínora, desequilibrado e cruel. Entre 9 e 28 de junho de 2021, em parte da imprensa brasileira, esta foi a fisionomia do mal.

## Referências

ANGRIMANI, Danilo. Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo. Summus, 1995.

FERREIRA, Soraya. MALAFAIA, Daniel. Entre Sandros, Williams, Lázaros e muitos outros: a construção de bestas-feras nas narrativas jornalísticas de abates humanos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 44., 2021, virtual. Anais... Intercom, 2021.

FOUCAULT, Michel. Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari. A estrutura do noticiário estrangeiro. In: TRAQUINA, Nelson (org). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2016.

HALL, Stuart. et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2016.

HARDY, Anne. The mechanisms of media storms. In: VESTERMAN, Peter. (ed.). From media hype to twitter storm: news explosions and their impact on issues, crises, and public opinion. Chicago: Amsterdam University Press, 2018. DOI 10.5117/9789462982178.

JEHA, Júlio. Monstros e monstruosidades na literatura. Minas Gerais. Editora UFMG, 2007.

<sup>11</sup> ESTRELA, Giovanna. Alcântara, Thalys. “Atiro sem dó”: quem é Edson Raiado, ex-comandante do grupo da PMGO. Metrópoles [Brasil], 21 jun. 2021. Disponível em: <https://www.metrópoles.com/brasil/atiro-sem-do-quem-e-edson-raiado-comandante-do-grupo-da-pmgo>

<sup>12</sup> O DIA. Policiais fazem oração para encontrar Lázaro Barbosa. [Brasil], 23 jun. 2021. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6174035-policiais-fazem-oracao-para-encontrar-lazaro-barbosa.html>

---

LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana. O que é imaginário. São Paulo. Editora Brasiliense, 2003.

LEAL, Maria Cecília Garcia. ETs no NP: o fantástico, o real e o imaginário. 2011. 80 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

LOWRY, Dennis; NIO, Tarn; LEITNER, Dennis. Setting the public fear agenda: a longitudinal analysis of network crime reporting, public perceptions of crime, and FBI crime statistics. *Journal of Communication*, v. 53, n. 1, p. 61-73, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. O capital da notícia. São Paulo. Ática, 1986.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 8. Ed., 1990.

NAZÁRIO, Luiz. Da natureza dos monstros. São Paulo. Editora Arte e Ciência, 1998.

ROSA, Gonçalo. How a small-scale panic turns into an unstoppable news wave about mass mugging on the beach. In: VESTERMAN, Peter. (ed.). *From media hype to twitter storm: news explosions and their impact on issues, crises, and public opinion*. Chicago: Amsterdam University Press, 2018. DOI 10.5117/9789462982178.

ROSCHO, Bernard. *Newsmaking*. 1 ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. México. Premia, 1980.

TRAQUINA, Nelson. *A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2008.